
COMUNICAÇÃO, MÍDIA E CULTURA

NORVAL BAITELLO JUNIOR

Diretor da Faculdade de Comunicação e Filosofia,

Coordenador do Centro Interdisciplinar de Pesquisas em Semiótica da Cultura e da Mídia da PUC-SP

Há pouco mais de 100 anos os limites da história abrangidos pela historiografia humana alcançavam modestos períodos de poucos milhares de anos. Hoje o homem tenta lançar pontes (ainda que hipotéticas) não apenas sobre a origem do universo, sobre o chamado *big bang*, mas também sobre as raízes remotas dos códigos da comunicação humana. Constata que a capacidade comunicativa não é privilégio dos seres humanos; está presente e é bastante complexa em muitos outros momentos da vida animal, nas aves, nos peixes, nos mamíferos, nos insetos e muitos outros. O homem procura compreender a complexidade de sua comunicação a partir de uma reconstrução hipotética da evolução filogenética de seus códigos. É como se o tempo de nossa história se tivesse expandido também em um tipo de explosão.

EXPLOSÃO DA INFORMAÇÃO

Os recortes sincrônicos de breves períodos da história não dão mais conta das necessidades cognitivas da atualidade. Expande-se o tempo que deve ser conhecido e expande-se o espaço dos objetos que devemos levar em conta para o conhecimento de uma determinada área. A ampliação do espectro visível espelha o espantoso crescimento dos objetos com os quais o homem hoje, de alguma forma, tem de lidar, seja como objeto de sua investigação científica, seja como conhecimento que modifica sua práxis. Com esse espectro cada vez mais amplo, ainda em crescimento exponencial, pode-se dizer que não apenas houve e está havendo uma explosão informacional na sociedade humana de nosso tempo, como também se pode dizer que a investigação da comunicação humana passa por uma explosão similar, compreendendo que ape-

nas uma visão transdisciplinar poderá enxergar o objeto plurifacetado que é o processo comunicativo do homem. E se concordamos que processos comunicativos são construções de vínculos, então temos de dizer também que a rede dos objetos com os quais nos comunicamos encontra-se em franca expansão, tal qual o universo. Expansão significa aqui não apenas espaço e tempo cada vez maiores; significa também relações internas cada vez mais numerosas. Há, portanto, um crescimento para fora e um crescimento para dentro. Um vetor nos conduz ao infinito e outro ao transfinito. A consequência mais imediata é que o instrumental de que a ciência dispunha para a investigação dos processos comunicativos seguramente não consegue mais dar conta da complexidade do objeto. Vejamos alguns aspectos desta complexidade, lembrando sempre que a palavra “complexus” vem do latim e tem três grandes grupos de significados: aperto, abraço; peleja, combate corpo a corpo; e amor, vínculo afetivo (Faria, 1967:216). O conceito pressupõe, em todos os seus três significados, uma ação entre pelo menos dois sujeitos, portanto, algum tipo de vinculação, o que é, sem dúvida, instrumental apropriado para o campo de estudos da comunicação.

COMUNICAÇÃO E APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO

Todo processo comunicativo tem suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo. O que se denomina “comunicação” nada mais é que a ponte entre dois espaços distintos. A consciência deste espaço enquanto entidade autônoma inicia-se no momento do nascimento. A mudança de um espaço quente e aquoso para um espaço frio, aéreo e hostil exige a manifestação explícita do novo

ser, seja pelo choro, seja pelas outras linguagens de seu corpo: linguagens térmicas (a febre ou a hipotermia), linguagens olfativas (odores normais e anormais) ou linguagens visuais (arroxamento ou amarelecimento da pele, da face, dos lábios, cor das fezes). O nascimento deveria ser definido como momento inaugural de toda comunicação social, conforme afirma Oliveira (1995). O momento da criação de vínculos de linguagem entre o bebê e a mãe será a matriz primeira da complexa comunicação social. Para o recém-nascido não há outro objeto senão seu próprio corpo. É o corpo que transmite suas mensagens, é a respiração, a temperatura, é a vibração das cordas vocais que produz o choro que se transformará mais tarde em sons articulados. E talvez os seus primeiros e mais importantes sentidos receptores neste momento não sejam nem a visão, nem a audição ou o olfato, mas o tato e a propriocepção (Montagu, 1986). A partir de sua inteligência tátil e proprioceptiva, desenvolverá a consciência de corpo e, conseqüentemente, seu primeiro meio de comunicação.

Assim, é de enorme relevância o conceito de “mídia primária”, formulado por Harry Pross em seu livro *Medienforschung (Investigação da mídia)*. As investigações da mídia primária, o corpo e suas incontáveis possibilidades de produção de linguagens têm sido relegadas a um segundo plano nas ciências da comunicação (mas não na Psicologia, na Etologia Humana, na Antropologia). Os sons e a fala, os gestos com as mãos, com a cabeça, com os ombros, os movimentos do corpo, o andar, o sentar, a dança, os odores e sua supressão, os rubores ou a palidez, a respiração ofegante ou presa, as rugas ou cicatrizes, o sorriso, o riso, a gargalhada e o choro são linguagens dos meios primários. Assim, afirma Pross: “toda comunicação humana começa na mídia primária, na qual os indivíduos se encontram cara a cara, corporalmente e imediatamente, e toda comunicação retorna para lá” (Pross, 1972:128).

Em época de adoração das tecnologias da chamada “virtualidade”, nunca será demais lembrar esta verdade, afirmada com pioneirismo pelo pensador alemão. Aquilo que Pross já dizia em 1972 (e que repete em seu *Sociedade do protesto* de 1997) continua cada vez mais atual. A instância “corpo” é fundante para o processo comunicativo. É com ele que se conquista a vertical, a dimensão do espaço que configura as codificações do poder. É com ele que se conquista a dimensão da horizontalidade e as relações solidárias de igualdade. É com o corpo, gerando vínculos, que alguém se apropria de seu próprio espaço e de seu próprio tempo de vida, compartilhando-os com outros sujeitos. Mas é também aí, no estabelecimento de vínculos, materiais ou simbólicos, que inicia a apropriação do espaço e do tempo de vida de outros.

SISTEMAS BÁSICOS DE VINCULAÇÃO

As investigações dos chamados sistemas afetivos entre primatas superiores, dos quais nós humanos somos parte, nos trazem esclarecimentos essenciais a respeito da natureza e da motivação dos vínculos primordiais de seu sistema comunicativo. O biólogo H. F. Harlow (1972), em um famoso experimento a respeito do conceito de amor materno entre chimpanzés, classifica os cinco sistemas afetivos de base em: sistema afetivo maternal; sistema de amor do filho pela mãe; sistema afetivo da mesma faixa etária; sistema afetivo heterossexual; e sistema paternal ou adulto. As investigações de Harlow apontam para uma compreensão complexa dos vínculos afetivos (e comunicativos) primordiais entre os primatas. Revelam como cada um dos sistemas interfere no outro e como a sociabilidade de um indivíduo pode ser prejudicada por falhas ocorridas em um dos sistemas básicos.

Também as descobertas da Etologia Humana e Comparada têm constituído uma vertente importante das investigações dos meios primários. As descobertas de Eibl-Eibesfeldt, em seu livro *Amor e ódio* (1993), oferecem subsídios importantes para uma arqueologia da comunicação dos meios primários. O autor estuda os padrões e as propensões ou as dificuldades do homem para agregar-se em uma sociedade anônima complexa, sendo oriundo de pequenos grupos individualizados. A necessidade de estabelecer vínculos amistosos com estranhos, dominando sua própria agressividade, termina por modificar o sistema comunicativo do homem, levando-o a mediações sofisticadas de suas mensagens básicas de amor e ódio. Em seu *El hombre preprogramado* (1983), ele faz um mapeamento dos gestos básicos de vinculação presentes nas mais diversas culturas e povos, demonstrando o papel importante da mídia primária na constituição dos vínculos comunicativos.

Por fim, devem-se considerar ainda indispensáveis para a investigação das ciências da comunicação as frentes de trabalho, como aquela aberta pelo etólogo holandês Frans de Waal. Em seu último livro *Good natured*, de 1996, ele trata das origens dos conceitos de “certo” e “errado”, quer dizer, de um protoconceito de ética entre os chimpanzés. Em seu outro livro *Peacemaking among primates*, de 1989, investiga os códigos da diplomacia, da preservação da paz e da negociação de conflitos entre chimpanzés, bonobos e babuínos, mostrando a sofisticação destas operações de prevenção e reparação de vínculos deteriorados.

Em resumo, a Etologia tem-nos ensinado que o espectro dos processos comunicativos e suas raízes são muito mais amplos e profundos do que se acreditava. E que a

comunicação humana possui áreas de intersecção que poderão ser mais bem compreendidas se conhecermos a comunicação de outras espécies. As ciências da comunicação não terão nada a perder quando deixarem de lado seu antropocentrismo e passarem a considerar, estudar e compreender outros sistemas comunicativos não humanos.

COMPLEXIFICAÇÃO DA MÍDIA, DO CORPO À VIRTUALIDADE: A ESCRITA E A MÍDIA SECUNDÁRIA

A utilização de ferramentas para alcançar alimentos, comprovadamente usadas por outras espécies animais, é denominada pelos antropólogos “cultura” (Bonner, 1982). Há consenso quanto à existência de uma “cultura animal”, em que habilidades aprendidas são transmitidas de geração em geração. O que está em jogo é a durabilidade de uma informação. Consegue-se uma certa permanência da informação no tempo por meio da aprendizagem e da transmissão social. A dimensão do tempo já não é puro atributo genético, mas passa a ser atributo social (talvez seja mais apropriada a expressão “transmissão social de técnicas” ao invés de “cultura animal”).

Há nisso, porém, uma chave para a complexificação do sistema comunicativo humano: o uso de ferramentas comunicativas com a finalidade de amplificar suas mensagens no tempo, no espaço ou na intensidade (poderíamos dizer, no impacto receptivo). Em princípio, cores e pinturas corporais, máscaras e vestimentas festivas, adornos e outros objetos com a função de acrescentar ao corpo uma informação são um prolongamento da mídia primária e, assim, inauguram a mídia secundária, o que significa, segundo Pross, a presença de um aparato mediador entre receptor e emissor. A grande importância da mídia secundária é que ela possibilitou a ampliação de campos comunicativos (espaços, tempos, intensidades). O uso de materiais, ferramentas e instrumentos os mais diversos – com a intenção de criar mensagens – permitiu o surgimento das inscrições e pinturas rupestres e, finalmente, abriu as portas para a escrita e seus desenvolvimentos posteriores, o livro, o jornal, os cartazes, etc. Será conveniente lembrar que as inscrições e a escrita significaram a vitória simbólica sobre o tempo e sua pior qualidade, a perda gradativa do corpo e seu espaço. A escrita se perpetua e com isto vence a morte (Baitello, 1997:66). Se não vence a morte do corpo, preserva sua memória. É, portanto, com a escrita, com a mídia secundária (aquela que requer o uso de um instrumental de amplificação do emissor) que se inicia a era da virtualidade. A escrita é a presença virtual de um corpo e de uma vida associados à sua história.

A ELETRICIDADE E A MÍDIA TERCIÁRIA

A ampliação do alcance permitida pela virtualidade da escrita e sua magia passa por uma nova revolução: a eletricidade. A eletricidade possibilita o nascimento da mídia terciária, que requer o uso de um aparato emissor e codificador da mensagem e de outro aparato receptor e decodificador. Com a mídia terciária, ampliam-se ainda mais as escalas espaciais e de impacto receptivo. O impacto é tão grande que o próprio conceito de comunicação passa a ter uma versão que se restringe à mídia terciária. A ampliação do espaço abrangido – e sua apropriação simbólica – é tão grande que já não é mais apenas um delírio falar-se em uma cultura mundial. O impacto é tão forte que as velhas formas de encantamento – os mitos, rituais e as crenças – migram para a mídia terciária, dando espaço para dois fenômenos gêmeos: a mídia religiosa e a religião midiática. O primeiro é a transformação da tecnologia em objeto da idolatria e culto, com a conseqüente perda da distância crítica. O segundo é o surgimento e o rápido crescimento de seitas que lançam mão de poderosos canais da mídia terciária, adquirem canais de televisão e emissoras de rádio, como forma de arrebanhamento de fiéis. Ademais de seu poder mágico, que lhe conferem uma força inusitada, um impacto e uma intensidade ímpares no quadro da comunicação humana, a mídia terciária possui um alcance espacial impensável nos outros tipos de mídia que exigem o transporte ou do corpo ou de um suporte de sua mensagem. A mídia terciária transporta impulsos que se transformam em mensagem perceptível no aparato receptor.

Com a mídia terciária, a apropriação do tempo não mais se dá apenas por meio da durabilidade da mensagem conservada, mas pelo somatório dos tempos dos milhões de receptores.

A cada dia são descobertos novos materiais, mas sua durabilidade pode ser cada vez menor. Discos de vinil, fitas magnéticas, compact discs, disquetes, suportes físicos, suportes magnéticos, suportes óticos digitalizados vão se tornando obsoletos em uma velocidade cada vez maior. Os disquetes de dez anos já não podem ser lidos pelos computadores hoje. E os disquetes de hoje já não serão lidos em cinco anos. O tempo já não conta como duração e promessa de eternidade, mas como somatório de pequenos tempos, como multidão de tempos individuais. Já não importa expandir o tempo simbólico criado pela mídia secundária. O que importa é a escala expandida. E isto cria uma nova categoria de tempo, agora subdividido em unidades micrométricas.

COMUNICAÇÃO COM O DIFERENTE E A ALTERIDADE DENTRO DO INDIVÍDUO

Dizem os neurologistas, dentre eles Aleksandr R. Luria, Roger Sperry, Oliver Sacks, Antonio Damasio e Michael Gazzaniga, que convivem em nossa caixa craniana dois sistemas de processamento de informação completamente diferentes entre si. E que estes dois sistemas se comunicam por meio de pontes de neurônios chamadas “comissuras” e “corpo caloso”. Pacientes epiléticos que tiveram a separação cirúrgica dos dois hemisférios passaram a manifestar sintomas bastante inusitados. Gazzaniga relatou há 30 anos um caso de paciente que, ao desentender-se com sua mulher, com uma mão tentava espancá-la, enquanto a outra mão tentava segurar a primeira (Ivanov, 1983). O mesmo Gazzaniga escreve na edição de julho de 1998 da revista *Scientific American*, 30 anos depois, sobre a especificidade do cérebro humano, demonstrando, em primeiro lugar, que as pesquisas com cérebros de outros primatas chegaram a resultados totalmente divergentes e pouco úteis para a neurologia humana e, em segundo lugar, sobretudo demonstrando que “despite myriad exceptions, the bulk of split-brain research has revealed an enormous degree of lateralization—that is, specialization in each of hemispheres” (Gazzaniga, 1998:37).

O autor acrescenta, enfatizando a diferença entre os dois hemisférios em sua disputa desigual por tarefas e sua difícil convivência um com outro: “The researchers found that split-brain patients perform better than normal people do in some of these visual searching tasks. The intact brain appears to inhibit the search mechanisms that each hemisphere naturally possesses.(...) Thus, it seems that the more competent left hemisphere can hijack the intact attentional system” (Gazzaniga, 1998:36).

Também aí se manifesta a complexidade do processo comunicativo, em suas raízes neurológicas. Combatem entre si os dois hemisférios, a ponto de um inibir o funcionamento do outro. Do lado de fora do cérebro, na esfera social, a comunicação não é menos complexa.

TÉCNICA E DINÂMICA DA MAGIA

Se, por um lado, há uma tendência a localizar os processos comunicativos em um contexto cada vez mais amplo e mais complexo, enxergando a complexidade das relações, de suas implicações, tanto no tempo quanto no espaço, por outro lado existe uma outra tendência simplificadora e reducionista, sobretudo regressiva, de enxergar os processos de comunicação. Vejamos como ela se manifesta. O desenvolvimento da comunicação humana exigido pela expansão de seus limites e fronteiras, que

decorre da sofisticação e complexificação das sociedades humanas, trouxe consigo a busca de novas e mais eficientes tecnologias. No entanto, as máquinas sempre alimentaram o imaginário do homem. As máquinas da comunicação ainda mais, pois além de trazerem a memória da vida, simulando-a, também simulam uma de suas qualidades mais enigmáticas, a de falar. Assim, as máquinas que falam ou transmitem a fala ou a imagem em movimento em distâncias planetárias provocam no homem o impacto da expansão de suas fronteiras perceptivas. Assim foi com o telégrafo, com o telefone e o cinema, depois com o rádio e a televisão e finalmente com a Internet. Toda mídia, quando é novidade, chama a atenção sobre si mesma, exigindo da mensagem um alto tributo de sacrifício, de renúncia. O surgimento de uma nova tecnologia, até que ela se torne uma parte do repertório corriqueiro das comunidades, tende a provocar o encantamento, como se fosse mágica. Este sentimento distancia os participantes de um processo comunicativo daquilo que deve ser sua meta primeira: informar. A magia não tem e nunca teve como meta informar, mas sim encantar, iludir, desviar a atenção, literalmente enganar. O mesmo pensamento mágico-mítico que produz magníficos textos da criatividade artística do homem, da arte e da cultura, pode criar deuses lá no mais profundo reduto da racionalidade e da ciência.

A MEDIÇÃO E OS DEDOS

Assim como diferentes épocas e culturas se encantam com aparatos e tecnologias, podem também encantar-se com métodos. Não são apenas as máquinas que encantam, mas também construções culturais e crenças projetadas em objetos, formando assim textos culturais. Uma das crenças mais sólidas e crescentes, em princípio nas culturas ocidentais e depois também no Oriente, é a crença na medição, nos sistemas de medida e em sua exatidão. Isto traz como consequência a crença na universalização de parâmetros e o inevitável esquecimento da diversidade. Afinal, as medidas são unidades abstratas constituídas a partir de dimensões humanas. E as dimensões humanas são profundamente diversas. Um pé nunca é igual a outro pé, um dedo jamais se iguala a outro dedo. Como lembra Pross (1996), em *Der mensch im mediennetz* (O homem na rede da mídia), a tecnologia digital utiliza o conceito de “digitus”, que em latim quer dizer “dedo”. O dedo desde sempre foi uma unidade de medida. O que devemos evitar é transformá-lo em unidade de pensamento, ou seja, medir com os dedos, sim, mas não pensar com eles. Os padrões unificadores são ferramentas fundamentais para o desenvolvimento da tecnologia, mas não se deve esquecer jamais que ferramentas são meios, mídia.

TEOLOGIA DO MERCADO

Assim como o “pensamento com os dedos”, um outro texto cultural elaborado pela inventividade humana é o conceito de mercado. Como toda criação social, também o mercado é uma relação comunicativa. Não é uma entidade autônoma, mas um ser de ficção, por assim dizer, inventado, alimentado pelas pessoas, pelas sociedades e pelas culturas que o criaram. Ora, se o mercado é uma relação ou uma rede complexa de relações comunicativas, será um exercício de pensamento mágico-mítico acreditar que ele em si possa regulamentar algo, já que sua intencionalidade reside na intencionalidade de seus participantes. Não será difícil entender as intenções manipuladoras desta pregação diária. A proposta de entendimento destes sistemas complexos enquanto “textos de cultura” – proposta pela semiótica da cultura do tcheco Ivan Bystrina (1989) – deixa clara sua natureza tecida, criada pelos homens e sua história. Dizendo de outra forma, o mercado possui o mesmo status abstrato que deuses e demônios, criados pela imaginação do homem e alimentados por seus hábitos culturais.

JUVENTUDE OBSOLETA

Outro texto cultural bastante difundido é o de juventude e sua transformação em parâmetro universal, aplicável a todos os objetos. A universalização do conceito de juventude pressupõe sua transformação em categoria atemporal. Isto traz como consequência a perda de uma escala de graus e nuances variados. Coloca-se em seu lugar o par de opostos “novo-obsoleto”. Tal perversão transformada em crença justifica o descarte imediato de pessoas e coisas, restringindo sua vida útil a um período breve, após o qual atingem sua obsolescência e descarte. Tudo que não é novo tende a ser obsoleto e, portanto, destina-se ao descarte. Cria-se não apenas a crença na juventude e na novidade enquanto categorias imutáveis, mas também suas consequências práticas, ou seja, a diversidade de pessoas e objetos em diferentes estágios e graus é eliminada pelo descarte.

A COMUNICAÇÃO COM O *HOMO DEMENS*

Edgar Morin (1973:109) escreve em seu *O paradigma perdido*: “O homem é um ser de uma afetividade intensa e instável, que sorri, ri, chora, um ser ansioso e angustiado, um ser gozador, ébrio, extático, violento, furioso, amante, um ser invadido pelo imaginário, um ser que conhece a morte, mas não pode acreditar nela, um ser que segrega o mito e a magia, um ser possuído pelos espíritos e deuses, um ser que se alimenta de ilusões e de quimeras, um ser subjetivo cujas relações com o mundo objeti-

vo são sempre incertas, um ser sujeito ao erro e à vagabundagem, um ser úbrico que produz desordem. E como chamamos de loucura à conjunção da ilusão, do excesso, da instabilidade, da incerteza entre real e imaginário, da confusão entre subjetivo e objetivo, do erro, da desordem, somos obrigados a ver o *homo sapiens* como *homo demens*.”

É inegável que todas as marcas “negativas” do homem acabaram por contribuir infinitamente para sua criatividade. Até mesmo os sonhos mais irrealistas e o imaginário mais absurdo, as patologias mais dolorosas, ofereceram ao homem o alargamento de seu horizonte perceptivo e estético, que contribuíram para o desenvolvimento de uma inteligência aberta para o imprevisível e para o incerto, para fenômenos caóticos e para as lógicas difusas, estágios avançados da ciência humana. Porém, ao mesmo tempo que os delírios podem se desdobrar em conhecimento e ciência, a proliferação da desordem pode conduzir a tendências regressivas socialmente pouco construtivas. É o caso da violência transformada em show, das transmissões ao vivo de acidentes e coberturas policiais, das programações tipo *mondo cane*, que apresentam anomalias e aberrações, doenças e mutilações, buscando a qualquer preço os altos índices de audiência. Associadas estas aberrações às tendências regressivas de se enxergar o mercado como único deus ou demônio controlador do próprio mercado, pode-se ter como consequência a face mais explosiva e destrutiva do *homo demens*: a submissão a suas próprias ficções.

O SENTIDO, SUA PERDA, SUA BUSCA

Diante da expansão dos limites do campo de conhecimento, diante de sua crescente complexidade, diante das tendências mágico-míticas regressivas de endeuamento da tecnologia pela tecnologia, diante da des-historicização da vida embutida na crença da obsolescência programada para as máquinas e para os seres vivos, que caminhos e que desafios se colocam para as investigações em ciências da informação, da comunicação e da cultura?

Em primeiro lugar, o resgate do sentido. E o sentido não é apenas mais uma construção arbitrária e auto-referente do espírito, mas um conjunto de vínculos maiores, que levem em conta o homem na sua dimensão histórica, política e social, mas também psicológica e antropológica, ou seja, em sua inteira complexidade, com suas potencialidades e suas necessidades. O desafio maior será integrar as áreas do saber que trazem aportes essenciais para as ciências da comunicação. O conceito de Marcel Mauss de “fenômenos humanos totais” se torna mais uma vez atual e necessário. Assim, resume Edgar Morin a necessidade de elos e vínculos entre áreas do saber antes incomunicáveis: “Para com-

preender o cérebro é preciso interrogar os mitos, as obras de arte, as sociedades, a história, mas para compreender os mitos, as obras de arte, as sociedades, a história, é preciso interrogar o cérebro” (Morin, 1973:19).

De forma análoga, o comunicólogo espanhol Vicente Romano (1993) propõe uma “ecologia da comunicação”, um pensamento processual que não ignore os vínculos de sentido, uma perspectiva mais ampla e histórica que pergunte ao mesmo tempo pelas raízes e pelas projeções prospectivas sociais, políticas, culturais e psicológicas dos fatos da comunicação.

Buscar na arqueologia da comunicação suas possíveis projeções futuras e não esquecer, nas incursões prospectivas, dos vínculos históricos mais profundos, nos quais se plasnam as bases da cultura e de onde provém a seiva do sentido: esta é a tarefa e este é o desafio que se colocam para a compreensão desse universo de informações em explosão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAITELLO Jr., N. *O animal que parou os relógios*. São Paulo, Annablume, 1997.
 BONNER, J.T. *La evolución de la cultura en los animales*. Madrid, Alianza, 1982.

BYSTRINA, I. *Semiotik der Kultur*. Tübingen, Stauffenburg, 1989.
 EIBL-EIBESFELDT, I. *El hombre preprogramado*. 4ª ed. Madrid, Alianza, 1983.
 ————. *Liebe und Hass. Zur Naturgeschichte elementarer Verhaltensweisen*. 16ª ed. München, Piper, 1993.
 FARIA, E. *Dicionário escolar latino-português*. 4ª ed. Brasília, MEC, 1967.
 GAZZANIGA, M. “The split brain revisited”. *Scientific American*. Julho 1998, p.35-39.
 HARLOW, H.F. “Love created, love destroyed, love regained”. In: CHAUVIN, R. (org.). *Modèles animaux du comportement humain*. Paris, CNRS, 1972, p.13-60.
 IVANOV, V.V. *Gerade und Ungerade*. Stuttgart, Hirzel, 1983.
 MONTAGU, A. *Touching. The human significance of the skin*. 3ª ed. New York, Harper & Row, 1986. (Trad. Tocar. O significado humano da pele. São Paulo, Summus, 1988. Trad. de Sílvia Mourão Netto).
 MORIN, E. *O paradigma perdido*. Lisboa, Europa-América, 1973.
 OLIVEIRA, M. do C. de. *A comunicação do recém-nascido de 0 a 5 horas: a respiração*. São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, 1995. Dissertação de Mestrado.
 PROSS, H. *Medienforschung. Film, funk, presse, fernsehen*. Darmstadt, Carl Habel, 1972.
 ————. *Der Mensch im Mediennetz Orientierung in der Vielfalt*. Düsseldorf, Artemis & Winkler, 1996.
 ————. *Protestgesellschaft*. Düsseldorf, Artemis & Winkler, 1993. (Trad. *Sociedade do protesto*. São Paulo, Annablume, 1997. Trad. Peter Naumann).
 ROMANO, V. *Desarrollo y progreso. Por una ecología de la comunicación*. Barcelona, Teide, 1993.
 WAAL, F. de. *Peacemaking among primates*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1989.
 ————. *Good natured. The origins of right and wrong in humans and other animals*. Cambridge, Harvard Univ. Press, 1996.